O FENÔMENO DO “INTERNETÊS” E SEU REFLEXO NO ESTUDO DA LÍNGUA PORTUGUESA

THE “INTERNET” PHENOMENON AND ITS REFLECTION IN THE PORTUGUESE LANGUAGE STUDY

CABRAL¹, Geisa

RESUMO

Em plena era da informação, esta pesquisa com base em dados bibliográficos e intitulada “As implicações em torno do fenômeno do “internetês” e seu reflexo no estudo da língua portuguesa” tem a intenção de argumentar sobre o fenômeno do Internetês, usado no cotidianos principalmente de crianças e jovens adolescentes nas esferas virtuais, denominadas de “salas virtuais”, é fundamental compreender que este estudo não possui respostas acabadas e sobre o assuntos, mas encontra-se neste documento uma pesquisa para explorar por meio de uma investigação com a utilização do instrumento pedagógico publicações da temática do estudo, e neste processo foi construído um conjunto de análises que promoveram os resultados de relevo. O estudo procurou compreender até que ponto, o uso cada vez maior da internet, pode provocar um raciocínio limitado, já que o discurso utilizado caracteriza-se por frases curtas e abreviações? Problematicando esta situação para a investigação apurar durante a evolução do mesmo. A questão da hipercorreção é um ponto sério, que já despertar inúmeras discussões sobre o assunto, muito embora o estudo têm interesse de levantar a questão devido ao maior de todos os prejuízos, que resultará na lingüística normativa futura desses profissionais do amanhã, então o que fazer para conter? Será a conscientização ou um rumo traçado e inserido no planejamento do professor, já que a pesquisa observou que o assunto não é focado nas salas de aula! Com base em estudos com referências bibliográficas, a pesquisa percorreu os aspectos históricos que envolvem a Língua Portuguesa, como também apontando a influência do dialeto na comunicação virtual e não virtual, e assim concluí sobre a expectativa de que o assunto não seja esquecido e outros pesquisadores continuem a explorar o tema, a fim de que seja promovida uma conscientização no âmbito educacional do país.

Palavras-chave: Era da Informação. Internetês. Hipercorreção. Planejamento do professor.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo teve como objetivo, fazer uma análise acerca do tema: “As implicações em torno do fenômeno do “Internetês” e seu reflexo no estudo da língua portuguesa”, onde, se questiona sobre a influência da internet, que se tornou uma ameaça às crianças e jovens, abalando a evolução do processo estrutural e social, da sociedade brasileira.

¹ **CABRAL**, Geisa. Graduação em Pedagogia, ULBRA/2002 – Pós-Graduação em Gestão Empresarial – UNINTER/2015. Pós-Graduação em Educação Especial – UNINTER/2015. Mestrado em Ciências da Educação – UNISAL, PY/2016. geisasc@yahoo.com.br

POSTMAN, (1994) aborda que:

No que toca às crianças e jovens, a revolução tecnológica trouxe, no entanto um desvio de papéis nunca antes verificado, que lhes atribui mais poder e individualidade, conferindo-lhes uma independência comparável à autonomia dos adultos.

Para Barra (2004) analisa que a internet, se apresenta aos jovens, como um mundo “sem segredos” ou barreiras, sendo onde praticamente nasceram e também aprenderam a mover-se sozinhos, sem o auxílio ou a imposição de caminhos determinados pelos pais. É interessante, perceber que a língua é um instrumento vivo e em constante mudança, sendo valiosa a medida que afeta as diversidades, ou seja, falar com a linguagem da internet, do ponto de vista do autor, significa polêmica.

O tema se preocupa em questionar as conseqüências que esse tipo de comunicação pode influenciar sobre o futuro do homem, em uma sociedade, em que há necessidade de manter a tradição da lingüística. Até mesmo, para um promissor futuro profissional, pois o costume de utilizar internet como meio de se comunicar com outros, especificamente o chamado “bate papo” ou chat, já contribui para os vícios de linguagem, pois provoca no homem a sensação de estar falando, mas são obrigados a escrever mensagens para interagir, construindo o texto “falado” por escrito.

Para, Infante (2001, p. 22), a “Língua é um conjunto de sons e ruídos, combinados, com os quais um ser humano, o falante, transmite a outros seres humanos, o ouvinte ou os ouvintes, o que está na sua mente-emoções, sentimentos, vontades, ordens, apelos, idéias, raciocínios, argumentos e combinações de tudo isso”. Dessa forma, a língua é o principal código, desenvolvido e utilizado pelo ser humano para preencher as suas necessidades comunicativas da sua vida social.

Para Cereja (1998, p. 4), “A linguagem é a representação do pensamento por meio de sinais que permitem a comunicação entre as pessoas”. O autor reflete a linguagem que o homem usa, sendo a verbal e a não verbal, onde se percebe que a verbal é a mais eficaz pois transmite a informação de forma mais objetiva e completa, já a visual, entretanto, é a mais rápida.

Então, a escrita era tida como estável, sem variação, “estruturalmente elaborada, complexa, formal e abstrata”, e a fala, ao contrário, “como concreta, contextual e estruturalmente simples”, marcada pela variação. (Cf. Marcuchi, 1997), essa

característica foi idealizada, pois além de não contemplar a correlação das duas modalidades entre si, considera cada uma como um fenômeno, estático e homogêneo, sendo, a língua o elemento do intercâmbio das experiências. Relacionando, com o eixo temático, do estudo do internetês, evidencia-se no mesmo, a apresentação do sintoma grave na falência educacional, que pode ocasionar a exclusão dos jovens ao mundo letrado. Atualmente, é muito comum ouvir falar nesse fenômeno, que é uma forma de escrita própria dos ambientes de comunicação virtual. Nestes meios, os interlocutores reduzem as palavras, deixam de fazer uso dos acentos gráficos, inventam novas palavras e passam a escrever conforme os padrões fonéticos.

Se vislumbra, alguns desses dialetos, apontando: *Vc, kbeça, tb, naum, , xau, cmente, bjs*, são exemplos do internetês de acordo com Hasen (2005). Não se tem ainda uma classificação específica, por ser tal fenômeno recente do painel da educação brasileira, sendo que se constitui de uma mistura de ambas. Trata-se de um gênero híbrido. Para Jonsson (1997), o *chat*, em virtude da alta interatividade e da velocidade de troca de mensagens, é a forma de comunicação usada por computador em que é mais explícita a semelhança entre a escrita e a conversação oral.

De acordo com os fragmentos do texto de Jerônimo Teixeira (2007, p. 01) que representam as fortes críticas ao modo como a linguagem tem sido utilizada no espaço virtual: Embora a língua sofra ataques deformadores diários nos blogs e chats, a palavra escrita nunca foi usada tão intensamente antes.

Segundo a pesquisa apresentada a Revista da Anpoll, (vol. 1 nº 26, 2009) “Internetês: Ameaça ou Evolução na Língua Portuguesa?” O que caracteriza a linguagem dos internautas é a expressividade, a forma despreocupada com que usam e abusam da língua escrita, sem se importarem com as normas rígidas da linguagem escrita-formal. Isso faz com que os interlocutores se expressem de modo o mais informal possível, fazendo com que a língua escrita usada por eles, no momento da conversação, se pareça bastante com a linguagem coloquial. Nessa nova forma de comunicação, os internautas utilizam uma gama enorme de recursos da própria linguagem escrita, obtendo um resultado bastante satisfatório e comunicativo.

Nessa conformidade, o estudo busca analisar o fato de que foi a partir da internet, que se quebraram as barreiras geográficas e as barreiras culturais, culminando

em uma linguagem universal, um código que, muitas vezes, só os internautas conseguem decifrar. Escrever palavras com pontuações corretas e colocando os devidos acentos, denuncia que não pertence àquele grupo, ou seja, não está acostumado a utilizar a linguagem da internet.

Portanto, as conversas nas salas de bate-papo se dão de maneira bastante informal, usando a língua escrita como código e, de certa forma, a língua falada como forma de expressão. No entanto, em 2001, conforme estudos realizados na UFPE pela lingüista Cilda Palma, referenciados na revista *Veja* (Cf. TEIXEIRA, 2007), as mudanças nas comunicações internas, em espaço profissional, referiam-se aos gêneros textuais utilizados para fins burocráticos, sendo que as cartas comerciais tradicionais começavam a ser substituídas pela comunicação via e-mail. Por outro lado, para os lingüistas, a escrita cibernética é mais uma forma de comunicação, porque: Segundo Eni Orlandi (1996, p.57), “os jovens estão crescendo nessa linguagem funcional. Se eles usam um meio eletrônico é porque querem ser rápidos. Não vejo perigo”.

A mais contundente seria sobre o desuso da língua portuguesa. Porém, o diretor-geral do canal, João Mesquita, argumenta que “reproduzimos o jeito de falar dessa geração. Acreditamos estar contribuindo para a cultura.” (*apud* PINHO: 2005 p. 56). Observa-se que nos meios mais formais, como empresas, a necessidade de agilidade nas comunicações ainda não se dá a partir do uso desse dialeto.

Nessa mesma linha, Marisa Lajolo (*apud* HANSEN), em programa de televisão exibido pela TVE, é uma das que não percebe como grave a invenção dos adolescentes. Ao contrário, ela acredita que a nova escrita na internet está promovendo um “surto de políglotas. Na sua opinião, o internetês é apenas mais uma linguagem usada pelos jovens, para se comunicarem entre si, considerados, por ela, políglotas pela capacidade de se expressar de maneira diferente com seus pais, professores e com os demais interlocutores da comunidade. Assim, para a escritora, isso demonstra a criatividade dos adolescentes em criar um código próprio, que reforça a identidade dos mesmos.

Já, o Jornal “O Globo”, sendo sua publicação de (20/3/2005), salientado pela escritora gaúcha Martha Medeiros que escreveu sobre o internetês e se mostrou assustada com a adoção do dialeto no lançamento do Cyber Movie. No entanto, a

mesma considera que o fenômeno é um sinal de: “*lamentável e vertiginosa decadência da língua portuguesa*” (apud HANSEN, 2005).

I - Justificativa

Os jovens se expressam mediante este novo dialeto, derivado do idioma português, principalmente em salas de bate-papo, por meio de comunicadores instantâneos e *e-mails*. Mas, ao lermos suas redações, observa-se como o dialeto em questão invade o psiquismo do jovem, fazendo com que, por vezes, se confunda entre o registro culto do idioma e as expressões que ele utiliza entre amigos.

Segundo Pinho os filmes da sessão Cyber Movie no canal Telecine, foram legendados de acordo com esse dialeto. O objetivo do Telecine é atingir pessoas que não gostam de filmes legendados e, conseqüentemente, de ler. Isso vem para agilizar o processo de leitura e dar ao espectador a oportunidade de prender-se mais às imagens. No entanto, os idealizadores do programa, conforme afirma Pinho (2005) estão preparados para as críticas. Assim, o novo dialeto, internetês, tem dividido opiniões entre os falantes e estudiosos da língua portuguesa.

Conforme o escritor Deonísio da Silva (2005), em artigo publicado no *site* Observatório da Imprensa, esse novo “idioma” é um “besteírol” que “assassina” à tecladas a língua portuguesa. Silva destaca essa idéia porque, para ele, os adolescentes têm acesso à internet, mas muitos deles não dominam a norma culta dessa língua. Manuais e glossários foram criados na internet (anexo), com as expressões mais usadas em salas de bate-papo, *blogs* e *fotoblogs*, para simplificar a interlocução entre os mais ortodoxos e os novos adeptos do novo dialeto.

No artigo “Internetês: Ameaça ou Evolução na Língua Portuguesa?” (Revista da Anpoll, vol. 1 nº 26, 2009) Nota-se que o internetês poderá tornar-se mais padronizado no futuro; mas, atualmente, ainda está sofrendo alterações gráficas. Vogais, por exemplo, são quase dispensáveis, uma vez que algumas das consoantes carregam em si mesmas o som vocálico. É quando *depende* vira *dpnd*, *também* vira *tbn* e *certeza* vira *ctza*. Há também palavras que sofrem uma transformação onomatopéica, imitando o som ou a pronúncia do objeto, como, por exemplo, *buáááááá* (simulando o choro). Quando os internautas querem demonstrar uma risada ou gargalhada, eles fazem uso

de diversos recursos, por exemplo, *hihihihihi* ou *heheheh...* ou *hahahah...* ou ainda *eh,eh,eh*. Outro componente da linguagem dos internautas são os Emoticons, que são símbolos que representam os sentimentos e o tom de quem está falando.

Nessa minimalização linguística, outra prática comum é substituir dois por um: *qu*, *ch* e *ss* se transformam em *k*, *x* e *c* (*eskecer*, *xegar*, *ece*). Meninas, a quem o Xou da Xuxa marcou pela eternidade, consideram que o som da letra *x* é “meigo” – daí escolherem, em vez de *vc* (para quem não sabe o equivalente a *você*), *vx*. Acentos, evidentemente, são raríssimos; quando são absolutamente necessários, viram uma letra (por sinal, a única situação em que a palavra aumenta de tamanho). A indicação de acento agudo é a letra *h* (*ahi*, *jah*, *eh*). Aqui, comprovamos a criatividade dos internautas; afinal, uma letra que nunca teve valor fonético em nossa língua torna-se essencial para demarcação do sentido da palavra. Por exemplo, é diferente quando escrevemos *ai* e *aih*, sem o *h* evidencia-se uma expressão de dor, já com o *h*, temos uma expressão que indica lugar.

O mesmo ocorre com a vogal *e*, sem o “acentos” *h* ela é simplesmente uma conjunção, e com o “acentos”, torna-se verbo. O til desfigura-se na expressão *aum* (*naum* para *não*, *entaum* para *então*). Nada disso garante que dois interlocutores cibernéticos vão se entender perfeitamente, visto que o dialeto da internet tem uma dinâmica própria e varia conforme a “tribo” ou a região do país. Além disso, eles, nas conversações em tempo real, não dispõem de tempo para fazer um planejamento prévio de seu discurso. Assim, a troca de mensagens tem de ser rápida, sem perda de tempo, fazendo com que eles tenham que criar abreviações, símbolos e sinais que tornem mais rápida a comunicação. Portanto, podemos observar que a comunidade dos internautas tem sua linguagem particular, ou seja, eles acabaram criando a sua variante de língua, a sua forma de se comunicar, que, de certo modo, assusta aquelas pessoas que não tem acesso ao “ciberespaço”. Esta informalidade e a forma descontraída com que os internautas costumam se comunicar entre si são a marca principal de seu estilo.

2 HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

A Língua Portuguesa tem sua origem ligada ao Latim, falada inicialmente, em uma parte da Itália na região do Lácio, onde vivia um povo conhecido como latinos

fundadores da cidade de Roma. Por volta do século VII a.c a miscigenação com povos vizinhos e, a anexação da região ao Império Etrusco, assim tornaram Roma a cidade mais importante do Lácio.

Os domínios da cidade foram expandidos, e sua cultura foi levada às regiões dominadas militarmente, no entanto, na Grécia, os romanos encontraram uma cultura de bases sólidas, que exerceu forte influência sobre a cultura latina. Os romanos assimilaram esta cultura, formando nossa herança intelectual greco-latina. No fim do século III a.C, os exércitos de Roma iniciaram o processo de Romanização na Península Ibérica, isto é, começaram a impor sua cultura aos diversos povos (principalmente celtas e iberos) que nela habitavam: sua organização política, sua organização jurídica, sua religião, sua língua.

As chamadas culturas autóctones influenciaram de alguma forma as poderosas culturas greco-romanas, deixando resquícios concretos de sua existência em algum topônimo da Língua portuguesa, pois, o latim era a língua oficial das regiões conquistadas, mas este Latim é diferente Latim do início de Roma, primeiro, porque a modalidade do Latim que se expandiu junto com o Império era notadamente falada, mais simples e popular (LATIM VULGAR), em oposição à modalidade escrita, complexa e elitizada (LATIM CLÁSSICO).

Segundo, porque o aprendizado de uma segunda língua deixa nela, em qualquer situação, o acento da língua materna. Terceiro, porque a expansão da língua ocorreu de modo imposto, pela força militar, o que gera nos povos dominados certa "má vontade" para aprender. (PRETI, 2000). A partir do século V d.c, novos elementos, representados pela língua de vários povos bárbaros que invadiram a Península – vândalos, suecos e visigodos, vêm juntar-se àquele latim já dialetado. Os vândalos acabaram por se estabelecer na África, e os suecos foram absorvidos pelos visigodos no século VI. Esses povos, inferiores culturalmente, abraçaram a língua da Península, isto é, o latim dialetado.

Entretanto, a exemplo do que havia acontecido antes, novas alterações, novos "sotaques" foram introduzidos na língua. Com as grandes navegações, a partir do século XV d.c, os domínios de Portugal foram expandidos e levaram a Língua Portuguesa às novas terras da América (Brasil), África (Guiné-Bissau, Cabo verde,

Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe), Ásia (Macau, Goa, Damão, Diu), Oceania (Timor) e Ilhas do Atlântico (Açores e Madeiras).

Em contato com outra língua, o Português também se modificou, mantendo sua unidade com a língua falada em Portugal e em muitas das regiões acima citadas. (BECHARA, 2000.). Com a chegada dos portugueses ao Brasil, o Tupi foi usado como sendo uma língua geral na colônia, juntamente com o português, devido aos padres jesuítas, que estudaram e difundiram a língua. Na segunda metade do século XVIII, uma medida real impediu o uso da língua Tupi no Brasil, pois o Português herdou muitas palavras do Tupi, como por exemplo: mandioca, caju e tatu.

3 AS INFLUÊNCIAS

Também houve influência africana, herdando palavras tais como: caçula, moleque, samba e palavras da cozinha afro-brasileira (BAGNO, 1999). A partir do século V d.C., os povos de origem germânica, vindos da Europa setentrional, invadiram as terras européias do Império. Eram só bárbaros, forma como só romanos nomeavam todos aqueles que, vivendo fora dos limites de seu império, não participavam da cultura latina. Estes povos tinham o acervo cultural muito simples se comparados à complexidade da cultura grego-latina. Assim, vencidos pela força, acabaram subjugados pelo poder cultural dos povos românicos e optaram por preservar as instituições romanas para que pudessem se manter no poder.

Aprenderam sua língua, assimilaram seus costumes, adotaram sua religião, porém deixaram sua marca no Latim, que nesta época já se encontrava bastante fragmentado. palavras de origem germânica, podem ser encontradas no português contemporâneo, geralmente ligada à guerra ou agricultura. Em toda a Europa falava-se neste momento o Romano, nome dado a um conjunto de dialetos que formaram a fase transitória entre o Latim e suas línguas neolatinas.

O galego-português era um dialeto falado na região do condado, mas à medida que suas fronteiras avançaram para o Sul, este dialeto sofreu modificações em contato com os falares do Sul, que acabaram por prevalecer. Desta forma, o Galego pode ser considerado como variante de Espanhol e o Português se desenvolveu como língua da

nova nação. O latim vulgar começou, então, a se misturar com a primitiva língua dos celtiberos, que se tornou um substrato em relação ao idioma dos romanos.

3.1 A língua falada no Brasil não evoluiu com o português falado em Portugal

Logo depois da independência, em 1822, os imigrantes europeus que se instalaram no centro-sul do País influenciaram no Português aqui falado. As diferenças entre o Português aqui falado e o de Portugal no século XX, eram muitas, devido à distância entre os dois países. A literatura brasileira acreditava que havia a necessidade de romper com os modelos tradicionais portugueses e privilegiar as características do falar brasileiro. (BECHARA, 2000.)

3.2 A Formação da Língua Portuguesa

A língua se modifica ao longo do tempo como um organismo vivo. Palavras novas surgem para expressar conceitos igualmente novos; outras deixam de ser utilizadas, sendo substituídas. Há, por exemplo, muitas diferenças entre o português que falamos hoje no Brasil e o que se fala em Portugal. Tais diferenças não se limitam apenas à pronúncia das palavras, facilmente percebida na linguagem oral.

Existem, também, diferenças de vocabulário (só para citar um exemplo, no Brasil dizemos “trem”, em Portugal se diz “comboio”) e de construção gramatical (enquanto no Brasil se utiliza uma construção como “estou estudando” em Portugal prefere-se a forma “estou a estudar”). Desde a época da formação do português moderno no século XVI, o português falado em Portugal manteve-se mais impermeável às contribuições lingüísticas externas. Em decorrência do processo de formação de sua nacionalidade, o Brasil, esteve mais aberto às contribuições lingüísticas de outros povos. (BAGNO, 1999).

3.3 Do português arcaico ao contemporâneo

O idioma que falamos hoje é o produto das mudanças e acréscimos sofridos desde o galego-portuguesa (do século VIII até o século XIII), separando-se posteriormente do galego e dando início ao português arcaico (século XIV ao século XVI), passando pelo português clássico (a língua de Camões), pelo moderno (com

nossos autores românticos que procuram retratar uma língua mais próxima da realidade brasileira) e ao português contemporâneo, com o movimento de renovação da língua dos modernista de 1922 e os militares de acréscimo de neologismo e estrangeirismo de origem francesa, inglesa e americana. (BECHARA, 2000).

A partir do início de sua expansão, no século IX a.C, os gregos exerceram forte influência na formação literária de Roma. Deixando como legado milhares de vocábulos, após ocuparem uma vasta extensão da Europa ocidental, além do modelo da gramática que serviu de base aos latinos. (BAGNO, 1999.)

3.4 Contribuições de outras línguas

A língua portuguesa recebeu inúmeras contribuições de outros povos. Vejamos alguns:

- dos germânicos (elmo, norte, sul, esgrimir, marchar)
- dos árabes (álgebra, alecrim. Algarismo, arroz, califa)
- dos indígenas (Iracema, carioca, jibóia, pajé, cuia)
- dos africanos (maxixe, zabumba, acarajé, carimbo, canjica)
- do francês (intendência, bale, abajur, toalete, corveta)
- do espanhol (pepita, caudilho, cavalheiro, castanholas)
- do japonês (jiu-jitsu, quonoma, gueixa, saturai, haraquiri)
- do italiano (lasanha, soneta, piano, macarrão, maestro)
- do russo (czar, mujique, soviète, vodca, rublo)

Atualmente os estrangeirismos mais usados entre nós são os de origem inglesa (lanche, bar, recorde, futebol, voleibol, uísque, hambúrguer, etc). E a todo momento surgem neologismos (palavras novas), originados de raízes greco-latinas, ora do anglicismo, ora do galicismo.

Em relação às gírias, há pessoas que se sentem incomodadas com o uso delas. Por isso muita gente indaga, nos encontros, seminários, palestras, como surgem as gírias e se elas são manifestações aceitáveis na língua.

As formas são muitas, aqui se descrevem umas poucas:

PORRADÃO, PORRADA, BALA - Gírias correspondentes, segundo a juventude noventista, à idéia de "certo", de algo que dá certo. As gírias tiveram origem no imaginário heavy metal brasileiro dos anos setenta, mas hoje foram assimiladas pelo circuito dance music farofa e até mesmo pela axé-music do carnaval baiano.

GALERA - Expressão sem qualquer vínculo original com o segmento rock. A expressão "galera" tem como sentido original a idéia de tripulação de navio.

RAPAZ E VÉIO COMO VOCATIVOS PARA MULHERES - Nos últimos tempos, rapazes e até moças falam com as amigas usando o vocativo "rapaz" (incluindo as corruptelas "rapá" ou "rapais").

FUNK - No Brasil tornou-se hábito classificar de funk aquele som tosco, com letras quase faladas ou gritadas, por pessoas sem talento vocal, e um teclado que programa um som marcado praticamente por batidas eletrônicas e alguns acordes melódicos.

A gíria é um recurso que aponta as variações da estrutura social e as variações da estrutura lingüística, tão necessária ao processo comunicativo e, portanto, aceitáveis desde que empregada adequadamente. (BECHARA, 1999).

4 ORIGEM E EVOLUÇÃO DA ESCRITA VIRTUAL

Saindo do início da era da escrita e nos transportando até o século XXI, deparamo-nos com uma realidade aparentemente diferente da encontrada na época dos sumérios, mas como naquele tempo, atualmente nossa sociedade está vivendo uma grande revolução, a revolução tecnológica, que acaba exercendo grande influência em nosso comportamento.

A proliferação da Internet no mundo tem mudado - e muito - os costumes da população, inclusive as formas e recursos utilizados para nos comunicarmos. Atualmente, as formas de ler e escrever já não são mais as mesmas. Costa (2005) destaca que:

Quanto ao processo interativo de produção discursiva na conversação face a face e nas salas de bate-papo na Internet, com implicações no uso do código escrito e nas escolhas lingüísticas mais próprias da linguagem espontânea e informal oral cotidiana, há algumas semelhanças entre ambas as conversações: tempo real correção *on-line*, comunicação síncrona, linguagem truncada e reduzida, etc. (COSTA, 2005, p.25). Mas há também algumas diferenças que,

contudo, confirmam o processo simultâneo de construção da linguagem e do discurso. Podemos resumi-las na *realidade “real”* da conversação cotidiana e na *realidade “virtual”* da conversação internáutica: interação face a face X interação virtual; espaço real X espaço virtual; comunicação real X comunicação virtual e língua falada X língua falada-escrita.

Diante dessa realidade, é necessário atentarmos não só para as ferramentas tecnológicas que surgem a cada instante, mas também para as influências que as mesmas têm apresentado com seu surgimento, especialmente em um país como o nosso, já que 75% da população brasileira na faixa etária dos 15 aos 64 anos não sabe ler e escrever plenamente, ou seja, identifica letras e palavras, mas não consegue usar a leitura no seu cotidiano. São os chamados analfabetos funcionais, a maioria da população do país. Na outra ponta, apenas 25% da população nessa mesma faixa etária é alfabetizada, tem domínio pleno da leitura. (CORREIO DO POVO, Set 2005).

4.1 O *Chat* e Sua Linguagem Virtual

O significado da palavra *chat* vem do inglês e quer dizer “conversa”. Essa conversa acontece em tempo real, e, para isso, é necessário que duas ou mais pessoas estejam conectadas ao mesmo tempo, o que chamamos de comunicação síncrona. São muitos os *sites* que oferecem a opção de bate-papo na internet, basta escolher a sala que deseja “entrar”, se identificar e iniciar a conversa. Geralmente, as salas são divididas por assuntos, como educação, cinema, esporte, música, sexo, entre outros. Para entrar, é necessário escolher um *nick*, uma espécie de apelido que identificará o participante durante a conversa. Algumas salas restringem a idade, mas não existe nenhum controle para verificar se a idade informada é realmente a idade de quem está acessando, facilitando que crianças e adolescentes acessem salas com conteúdos inadequados para sua faixa-etária. No virtual encontramos comumente os *emoticons*, que, segundo Freire (2003, p. 27),

Surgiram por volta de 1980 para expressar os sentimentos daquele que escreve: alegria, raiva, dúvida, etc. Há páginas na internet com verdadeiros glossários desses símbolos, indicando que essa terminologia está em franca evolução.

Os *emoticons* são figuras coloridas e comuns nas conversas em salas de bate-papo, assim como em mensagens enviadas por correio eletrônico.

4.2 Ser Adolescente no Século XXI

As famílias do século XXI se diferem das famílias de outras eras, pois conforme Tiba (2005, p. 36) “*as famílias, além de ficarem menores, se isolaram. Convivem mais com amigos que com os familiares*”. Isso se deve ao fato dos pais estarem cada vez mais ocupados, trabalharem (e muito), e nos momentos de folga, querem se isolar. Outra diferença nas famílias da sociedade atual, é a contribuição da mulher no mercado de trabalho, com isso, passa a exercer uma contribuição ativa na renda familiar.

As famílias de hoje, realmente estão a cada dia, diferentes das famílias dos nossos pais e avós, a estrutura familiar também já não é mais a mesma, pois não segue mais aquele padrão que tinha a figura do pai, da mãe e dos filhos. Atualmente, são muitos os casos em que uma família constituída conta com a mãe, os avós, o novo marido (ou a nova esposa), os filhos do novo casamento, mais os filhos do antigo casamento, e assim por diante.

Dentro da realidade apresentada, como ficam os filhos, principalmente os adolescentes? Como acrescenta Tiba (2005);

Os adolescentes de hoje começaram a ir para a escola praticamente com 2 anos de idade. Com suas mães trabalhando fora de casa, e os pais trabalhando mais ainda, eles passaram sua infância na escola, com pessoas cuidando deles, num mundo informatizado. As ruas foram trocadas pelos shoppings, a vida passou a ser condominial, e as esquinas das padarias transformaram-se em esquinas virtuais e lojas de conveniência. (TIBIA, 2005, p. 36)

Sendo assim, os adolescentes passam a maior parte do tempo livres, sem a presença da família, podendo tomar suas decisões sozinhos, fazer suas escolhas, já que seus pais ou responsáveis se sentem na obrigação de dar a eles o conforto que não tiveram, esquecendo, as vezes, de que o que os filhos precisam de carinho, atenção, momentos livres para que seus pais ouçam seus anseios e aflições, assim como, precisam de limites, regras, disciplina, entre outras necessidades.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Infante (2001,22), “Língua é um conjunto de sons e ruídos, combinados, com os quais um ser humano, o falante, transmite a outros seres humanos, o ouvinte ou

os ouvintes, o que está na sua mente-emoções, sentimentos, vontades, ordens, apelos, idéias, raciocínios, argumentos e combinações de tudo isso.”

A língua é o principal código desenvolvido e utilizado pelos homens para as necessidades comunicativas de sua vida social. Para Cereja (1998, p. 4), “a Linguagem é a representação do pensamento por meio de sinais que permitem a comunicação e a interação entre as pessoas”.

O ser humano utiliza diferentes tipos de linguagem, que podem ser organizadas em dois grupos: a verbal e a não verbal. A verbal é a mais eficaz, porque transmite a informação de forma mais objetiva e completa. A visual entretanto, é mais rápida.

No conceito de Castilho (2000)

“língua é um sistema de representação constituído por palavras e por regras que as combinam, permitindo que expressemos uma idéia, uma emoção, uma ordem, um apelo, enfim, um enunciado de sentido completo que estabelece comunicação” (CASTILHO, 2000, p. 120).

É importante salientar que essas palavras e essas regras são comuns a todos os membros de uma comunidade, onde há fatores que acarretam o surgimento de variantes da mesma língua, sua expressão oral e escrita, de acordo com fatores geográficos, sociais, profissionais ou técnicas e situacionais, mas todos devem estar contidos no conjunto mais amplo que é a língua portuguesa.

Portanto, é um processo contínuo, aprimorar essa capacidade é uma forma de ampliar o relacionamento com o mundo, e a língua portuguesa, falada ou escrita, é sempre um elemento fundamental deste intercâmbio de experiências.

Assim, a escrita era tida como estável, sem variação, "estruturalmente elaborada, complexa, formal e abstrata", e a fala, ao contrário, "como concreta, contextual e estruturalmente simples", marcada pela variação (Cf. Marcuschi, 1997). Essa caracterização é evidentemente idealizada, pois, além de não contemplar a correlação das duas modalidades entre si, considera cada uma um fenômeno monobloco, estático e homogêneo.

Finalmente, voltando-nos ao propósito central deste trabalho, que é discutir as estratégias de construção do texto da conversação na *Internet*, com a colaboração de cinco adolescentes que forneceram algumas transcrições de palavras usadas no “diálogo escrito”, e a discussão da aprendizagem escolar e a língua cifrada, a

comunicação na internet e o prazer, sentimentos envolvidos, implicações da utilização dessa linguagem no dia-a-dia (sala de aula, trabalho escolares) e atitudes de pais e professores quanta à linguagem cifrada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do estudo foi alcançado, buscando apresentar as teorias que discutem a linguagem normativa se contrapondo ao fenômeno do internetês, entendo que apreciar os aspectos históricos da Língua Portuguesa é de uma relevância valorosa, pois é a partir dela que começamos a compreender a nossa realidade, sendo os aspectos apresentados, verdades comprovadas.

Ao iniciar a pesquisa não compreendia a tendência lingüística que a nação brasileira tem para as gírias, abreviações na escrita, etc. a nossa língua mãe trouxe em sua cultura gêneros infinitos de formas de linguagem que o mundo moderno está adaptando cada vez mais, na chamada era tecnológica, onde a comunicação é plena e virtual, as formas são em sua maioria utilizadas por meio do internetês, sendo que este não surge só nas escritas virtuais, mas também nos sites que se intitulam de “salas virtuais de interação”, sendo de: bate-papo; *facebook*, *Orkut*, *MSN*, etc.

Essa pesquisa levantou dados importantíssimos que espero que outros pesquisadores continuem estudar sobre este fenômeno, não só com o olhar da hipercorreção, mas também abordando a velocidade das informações, o acesso aos meios de tecnologia virtual, sendo esses alguns dos fatores que resultam no processo estudado, lembrando ser resultado também de se comunicar e a velocidade em que as pessoas estão se comunicando, por que esses elementos prosseguem acontecendo dia-a-dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, I. M. Neologia e tecnoletos, In: OLIVEIRA, A. M. de ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p. 23-29.

_____, I. M. **Questões epistemológicas e metodológicas em terminologia**, In: Anais do 1º Encontro do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL, Recife: Fac. Letras/UFRJ, 1998. p.95-106.

ANDRADE, M. M. **Conceitos/Denominações nas línguas de especialidades e na língua geral**, In: Acta Semiótica et Lingüística. Sociedade Brasileira de Professores de Lingüística – SBPL. São Paulo: Plêiade, 1998, v.7. p.9-24.

BAGNO, M. Cassandra, Fênix e outros mitos, In: FARACO, C. A. (Org.). **Estrangeirismos** – guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola, 2001. p.49-83.

BARBOSA, M. A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções, In: **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. Ieda Maria Alves (Org.). – (Cadernos de Terminologia, 1), São Paulo: FFLCH/CITRAT, 1996. p.23-45.

BELTRÃO, L. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

CABRÉ, M. T. **La terminología – Teoría, metodogía, aplicaciones**. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CARVALHO, J. G. Herculano de. **Teoria da Linguagem** - natureza do fenômeno lingüístico e análise das línguas. Tomo I. Coimbra: Atlântica, 1973.

CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. 15ª ed. – SP: Ática, 2000.

FARACO, C. A. (Org.). **Estrangeirismos** – guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola, 2001.

FERREIRA, A.B.H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. – 3ª ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Conceitos/Denominações nas línguas de especialidades e na língua geral, In: Acta Semiótica et Lingüística. Sociedade Brasileira de Professores de Lingüística – SBPL. São Paulo: Plêiade, 1998, v.7. p.9-24.

GAUDIN, F. Conferência Inaugural – Implantations des Termes Officiel. In: Terminologies Nouvelles, vol. 12, Rouen, Actes du Seminaires, dezembro, 1993. In: LAFACE, A. **Compilação de textos** (Artigos utilizados nas aulas de pós-graduação e em vias de publicação – s/d). Assis: FCL/UNESP.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

LAFACE, A. **Compilação de textos**. (Artigos utilizados nas aulas de pós-graduação e em vias de publicação). Assis: FCL/UNESP, s/d.

_____. A. Definição do vocabulário terminológico no universo acadêmico: reflexões didático-pedagógicas, In: OLIVEIRA, A. M. de ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p.235-245.

LÉVY, P. **O que é o virtual?**. Trad. Paulo Neves. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____, P. **As tecnologias da inteligência – O futuro do pensamento na era da informática**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MOPOHO, R. **Empréstimo e Criatividade Lexical no Discurso da Internet**. ALFA, 09/1996. In: LAFACE, A. **Compilação de textos** (Artigos utilizados nas aulas de pós-graduação e em vias de publicação – s/d). Assis: FCL/UNESP.

OLIVEIRA, R. da S. **Dicionário Compacto de Informática**. São Paulo: Rideel, 1997.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. Campinas: Cortez, 2000.

PELLANDA, N. M. C., PELLANDA, E. C. (Orgs.). **Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. p.13-20.

ROBIN, R. **História e Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1973.